

O Rinoceronte

(Eugène Ionesco)

Personagens

A Dona de Casa

A Merceeira

Jean

Bérenger

A Garçonnette

O Merceiro

O Senhor Idoso

O Lógico

O Patrão

Daisy

Senhor Papillon

Dudard

Botard

Madame Boeuf

Um Bombeiro

Senhor Jean

A Mulher do Senhor Jean

Várias cabeças de rinocerontes

1º ATO

(Uma praça numa pequena cidade do interior. Ao fundo, um sobrado. No andar térreo, a fachada de uma mercearia. Entra-se por uma porta de vidro que tem dois ou três degraus. Em cima da fachada está escrito em letras bem visíveis a palavra "MERCERIA". No primeiro andar, duas janelas que devem ser as da casa dos donos da mercearia. Desta forma, a mercearia encontra-se no fundo do palco, mas bem para a esquerda, não longe dos bastidores. Percebe-se por cima da mercearia, a torre de uma igreja, ao longe. Entre a mercearia e o lado direito, a perspectiva de uma pequena rua. A direita, ligeiramente enviesada, a fachada de um café. Por cima do café, um andar com uma janela. Na frente do terraço deste café: algumas mesas e cadeiras que vão até o meio do palco. Uma árvore empoeirada perto das cadeiras do terraço. Céu azul, luz crua, paredes muito brancas. É um domingo de verão; não falta muito para o meio-dia. Jean e Bérenger irão sentar-se a uma mesa do terraço. Antes de abrir a cortina, ouve-se tocar o carrilhão, o qual pára, alguns segundos depois. Assim que a cortina se abre, uma mulher, levando num braço uma cesta de provisões vazia e no outro um gato, atravessa em silêncio a cena, da direita à esquerda. A sua passagem, a dona da mercearia abre a porta para espreitá-la)

A MERCEEIRA - Ah, olha aquela! (à seu marido que está dentro da mercearia)
Aquela ali ficou muito importante. Já não compra nada da gente.

(A Merceeira desaparece; palco vazio alguns segundos. Pela direita aparece Jean; ao mesmo tempo pela esquerda surge Bérenger. Jean está cuidadosamente vestido: terno marrom, gravata vermelha, colarinho duro, chapéu marrom. É um pouco corado. Usa sapatos amarelados, bem engraxados; Bérenger tem a barba por fazer, sem chapéu, despenteado, as roupas amarrotadas; tudo nele mostra negligência, tem o ar cansado, sonolento, de vez em quando bocejando)

JEAN - *(vindo da direita)* Ora, então chegou, hem, Bérenger!

BÉRENGER - *(vindo da esquerda)* Bom dia, Jean.

JEAN - Sempre atrasado, é claro! *(olha seu relógio de pulso)* Nós tínhamos encontro às onze e meia e já é quase meio-dia.

BÉRENGER - Desculpe. Você está me esperando há muito tempo?

JEAN - Não, acabo de chegar, você bem viu.

(Os dois vão sentar-se numa das mesas do terraço do café)

BÉRENGER - Então me sinto menos culpado, visto que... Você mesmo...

JEAN - Eu não funciono como você. Não gosto de esperar, não tenho tempo a perder. Como você nunca chega na hora, eu venho atrasado de propósito, quando penso ter a chance de encontrá-lo.

BÉRENGER - Está certo... Está certo, no entanto...

JEAN - Você não pode afirmar que chegou na hora marcada!

BÉRENGER - Evidentemente... Eu não poderia afirmar.

(Jean e Bérenger sentam-se)

JEAN - Bom, então...

BÉRENGER - O que é que você bebe?

JEAN - Você tem sede logo de manhã?

BÉRENGER - Está fazendo tanto calor.

JEAN - Quanto mais se bebe, mais se tem sede, diz a sabedoria popular...

BÉRENGER - Faria menos calor, teríamos menos sede, se conseguissem achar um sistema de nuvens científicas.

JEAN - *(examinando Bérenger)* Ora, meu caro Bérenger, isso não resolveria o seu problema. Não é de água que você tem sede...

BÉRENGER - O que você quer dizer com isso, meu caro Jean?

JEAN - Você me compreende muito bem. Estou falando da aridez da sua goela. É uma região insaciável.

BÉRENGER - Sua comparação, me parece...

JEAN - *(interrompendo)* Você está num belo estado, meu caro.

BÉRENGER - Num belo estado, você acha?

JEAN - Eu não sou cego. Você está morto de cansaço... Perdeu mais uma noite; está bocejando, caindo de sono...

BÉRENGER - Estou com a cabeça um pouco zonha...

JEAN - Você está fedendo a álcool!

BÉRENGER - Estou com um pouco de ressaca, é verdade.

JEAN - Todos os domingos de manhã, é sempre o mesmo, sem contar os dias da semana.

BÉRENGER - Ah, não, na semana é menos freqüente, por causa do escritório...

JEAN - E sua gravata, onde é que está? Perdeu-a nas suas farras!

BÉRENGER - *(pondo a mão no pescoço)* Ah, é verdade... É gozado... Onde será que ela foi parar?

JEAN - *(tirando uma gravata do bolso do paletó)* Tome, ponha esta aqui.

BÉRENGER - Oh, obrigado, você é muito gentil.

JEAN - *(enquanto Bérenger põe a gravata de qualquer jeito)* Você está todo despenteado! *(Bérenger passa a mão pelos cabelos)* Tome, use este pente! *(Tira um pente do outro bolso do paletó)*

BÉRENGER - *(pegando o pente)* Obrigado.

(Penteia-se mais ou menos)

JEAN - Você não fez a barba! Olha a cara que você tem. *(Tira um pequeno espelho do bolso interno do paletó, dá a Bérenger que se observa nele; olhando-se no espelho, põe a língua de fora)*

BÉRENGER - Estou com a língua muito suja.

JEAN - *(retomando o espelho e pondo-o no bolso)* Não é de admirar!... *(retoma também o pente que Bérenger lhe devolve, guardando-o no bolso)* A cirrose te espreita, meu amigo.

BÉRENGER - *(inquieto)* Você acha?...

JEAN *(a Bérenger que lhe quer devolver a gravata)* Guarde a gravata. Tenho mais de reserva.

BÉRENGER - *(admirativo)* Você é cuidadoso.

JEAN - *(continuando a inspecionar Bérenger)* Sua roupa está toda amarrotada, é uma vergonha; sua camisa está suja que dá medo, seus sapatos... *(Bérenger tenta esconder seus pés debaixo da mesa)* Seus sapatos não estão engraxados... Que desleixo!... Suas costas...

BÉRENGER - O que é que têm minhas costas?

JEAN - Vire-se. Vamos, vire-se. Você se encostou contra uma parede. *(Bérenger estende molemente sua mão para Jean)* Não, eu não trago escova comigo. Isso enche muito os bolsos. *(Sempre molemente Bérenger dá tapas nas costas, para tirar a poeira branca. Jean, meneando a cabeça)* ai, ai, ai... Onde foi que você se encostou?

BÉRENGER - Já não me lembro.

JEAN - É lamentável, lamentável. Tenho vergonha de ser seu amigo.

BÉRENGER - Você é muito severo...

JEAN - E o seria por muito menos!

BÉRENGER - Escute, Jean. Eu não tenho nenhuma distração, a gente se aborrece nesta cidade, não sou feito para o trabalho que tenho... Todos os dias, no escritório, durante oito horas, somente três semanas de férias no verão! No sábado à noite, estou tão cansado, que você compreende, para me distrair...

JEAN - Meu caro, todo mundo trabalha e eu também; também eu como todo mundo, faço todos os dias oito horas de escritório; também, não tenho senão vinte e um dias de férias por ano e, no entanto, você está me vendo... Um pouco de vontade, que diabo!

BÉRENGER - Ora, vontade! Nem todo mundo tem a sua. Eu por exemplo não consigo me habituar. Não, não me habituo com a vida.

JEAN - Todo mundo tem que se habituar. Ou será que você é de uma natureza superior?

BÉRENGER - Eu não pretendo...

JEAN - *(interrompendo)* Eu valho tanto quanto você; e mesmo posso dizer, sem falsa modéstia, valho mais que você. O homem superior é aquele que cumpre seu dever!

BÉRENGER - Que dever?

JEAN - Seu dever... Seu dever de empregado, por exemplo.

BÉRENGER - Ah, sim, seu dever de empregado...

JEAN - Afinal, onde é que se passaram as suas libações desta noite? Se é que você se lembra?

BÉRENGER - Estivemos festejando o aniversário do Augusto, nosso amigo Augusto...

JEAN - Nosso amigo Augusto? A mim não me convidaram, para o aniversário do nosso amigo Augusto...

(Neste momento, escuta-se o ruído muito longe, mas se aproximando bem depressa, de um ofegar de fera e de sua corrida precipitada, como também um longo barrido)

BÉRENGER - Eu não pude recusar. Não teria sido gentil.

JEAN - E eu fui?

BÉRENGER - Justamente... Talvez porque você não foi convidado!...

A GARÇONNETTE - *(saindo do café)* Bom dia senhores, que desejam beber?

(Os ruídos tornam-se muito fortes)

JEAN - *(a Bérenger e quase gritando por se fazer ouvir apesar dos ruídos que ele não percebe conscientemente)* Não, é verdade, eu não fui convidado. Não me deram esta honra... De todo jeito, posso assegurar que mesmo que tivesse sido convidado, não teria ido, por que... *(Os ruídos aumentaram muito)* O que está acontecendo? *(Os ruídos do galope de um animal potente e pesado estão bem próximos, muito acelerados; ouve-se o seu bufar)* Mas o que é que se passa?

A GARÇONNETTE - Mas o que é que se passa?

(Bérenger sempre indolente, sem dar mostras de compreender o que se passa, responde tranqüilamente a Jean, ao assunto do convite; mexe os lábios; não se ouve o que ele diz; Jean ergue-se de um salto, deixa cair sua cadeira ao levantar, olha do lado esquerdo dos bastidores apontando com o dedo enquanto Bérenger, sempre um pouco indolente permanece sentado)

JEAN - Oh, um rinoceronte!

(Os ruídos produzidos pelo animal surgem com a mesma rapidez, de tal forma que já se pode distinguir as palavras que se seguem: toda esta cena deve ser representada muito rápida)

JEAN - *(repetindo)* Oh, um rinoceronte!

A GARÇONNETTE - Oh, um rinoceronte!

A MERCEEIRA - *(cuja cabeça aparece através da porta)* Oh, um rinoceronte! *(A seu marido que está dentro da mercearia)* Vem ver depressa, um rinoceronte!

(Todos seguem com o olhar, à esquerda, o trajeto da fera)

JEAN - Ele vai desembalado, raspando as vitrinas!

O MERCEEIRO - - *(na mercearia)* Onde?

A GARÇONNETTE - *(pondo a mão nos quadris)* Oh!

A MERCEEIRA - *(à seu marido, que está sempre dentro da mercearia)* Vem ver!

(Justo neste momento, vê-se o merceeiro espreitando à porta)

O MERCEEIRO - - *(aparecendo)* Oh, um rinoceronte!

O LÓGICO - *(entrando rápido em cena pela esquerda)* Um rinoceronte, a toda a velocidade, na calçada da frente!

(Todas essas réplicas, a partir de "Oh, um rinoceronte" ditas por Jean, são quase simultâneas. Ouve-se um "Ah" exclamado por uma mulher. Ela aparece; corre até o meio do palco; é a Dona de Casa com seu cesto no braço: uma vez chegada ao meio do palco, deixa cair seu cesto: suas provisões se espalham em cena. Uma garrafa quebra-se, mas não larga o gato que tem no outro braço)

A DONA DE CASA - Ah! Oh!

(O Senhor Idoso, elegante, vindo da esquerda, em seguida da Dona de Casa se precipita para a mercearia, empurra-os e entra, enquanto que o Lógico irá se encostar na parede do fundo, à esquerda da porta de entrada da mercearia. Jean e a Garçonnette, de pé. Bérenger sentado, sempre apático, formam um outro grupo. Ao mesmo tempo, pode-se ouvir, vindos também da esquerda uns "Oh", e uns "ah"! e passos de pessoas que fogem. A poeira levantada pela fera, espalha-se pelo palco)

O PATRÃO - *(cuja cabeça aparece pela janela num andar acima da entrada do café)*
O que está acontecendo?

O SENHOR IDOSO - *(desaparecendo atrás dos donos da mercearia)* Perdão!

(O Senhor Idoso, elegante, usa polainas brancas, um chapéu de feltro, bengala encastoada de marfim. O Lógico está grudado contra a parede. Usa um bigodinho grisalho, monóculo e na cabeça uma palheta)

A MERCEEIRA - *(empurrada e empurrando seu marido, para o Senhor Idoso)*
Cuidado com sua bengala, ora?

O MERCEEIRO - Ora essa, mais cuidado!

(Ver-se a cabeça do Senhor Idoso atrás dos merceeiros)

A GARÇONNETTE - *(ao Patrão)* Um rinoceronte!

O PATRÃO - *(da sua janela à Garçonnette)* Você está sonhando! *(Vendo o rinoceronte)* Puxa!

A DONA DE CASA - Oh! *(Os "oh" e os "ah" dos bastidores são como um "background" sonoro do "ah" dela; a Dona de Casa que deixou cair sua cesta de provisões e a garrafa, não deixou cair seu gato que ela tem no outro braço)* Pobre bichinho, ele teve tanto medo!

O PATRÃO - *(olhando sempre para a esquerda, seguindo com os olhos o trajeto do animal, enquanto que os ruídos produzidos por este, vão decrescendo; ruído dos cascos, barrido, etc. Bérenger desvia simplesmente um pouco a cabeça por causa da poeira, um pouco sonolento, sem dizer nada; faz simplesmente uma careta)* Esta agora!

JEAN - *(desviando também um pouco a cabeça, mas com vivacidade)* Esta agora! *(Espirra)*

A DONA DE CASA - *(no meio do palco, mas virada para a esquerda: as provisões estão espalhadas pelo chão em volta dela)* Esta agora! *(Espirra)*

O SENHOR IDOSO, MERCEEIRO E MERCEEIRA - *(no fundo, reabrindo a porta envidraçada da mercearia, que o Senhor Idoso tinha fechado)* Esta agora!

JEAN - Esta agora! *(A Bérenger)* Você viu?

(Os ruídos feitos pelo rinoceronte e seu barrido, ouvem-se muito ao longe. As pessoas de pé, seguem ainda com o olhar, o animal, menos Bérenger, sentado, sempre apático)

TODOS - *(menos Bérenger)* Esta agora!

BÉRENGER - *(a Jean)* Parece-me sim, que era um rinoceronte! Isso faz uma poeira!

(Tira seu lenço assoa-se)

A DONA DE CASA - Esta agora! Que medo que eu tive!

O MERCEEIRO - *(à Dona de Casa)* Sua cesta... Suas provisões...

(O Senhor Idoso aproxima-se da dama e abaixa-se para apanhar as provisões espalhadas pelo chão. Cumprimenta-a galantemente, tirando o chapéu)

O PATRÃO - Ora essa, não lembra o diabo...

A GARÇONNETTE - Essa é boa!...

O SENHOR IDOSO - *(à Dona)* Permite que a ajude recolher suas provisões?

A DONA-DE-CASA - *(ao Senhor Idoso)* Obrigada Senhor. Tenha a bondade de se cobrir. Ah, que susto que tomei.

O LÓGICO - O medo é irracional. A razão deve vencê-lo.

A GARÇONNETTE - Não o vemos mais.

O SENHOR IDOSO - *(à Dona de Casa, mostrando o Lógico)* Meu amigo é Lógico.

JEAN - *(a Bérenger)* O que é que você acha disto?

A GARÇONNETTE - Como vão depressa esses bichos!

A DONA DE CASA - *(ao Lógico)* Muito prazer, cavalheiro.

A MERCEEIRA - *(ao marido)* É muito bem feito. Ela não comprou aqui.

JEAN - *(ao Patrão, e à Garçonnette)* O que é que vocês dizem disto?

A DONA DE CASA - Apesar de tudo não larguei meu gatinho.

O PATRÃO - *(dando de ombros na janela)* Não é sempre que se vê disto!

A DONA DE CASA - *(ao Lógico, enquanto que o Senhor Idoso recolhe as provisões)* O senhor quer pegá-lo um instante?

A GARÇONNETTE - *(a Jean)* Eu nunca tinha visto disso!

O LÓGICO - *(à Dona de Casa, pegando o gato nos braços)* Ele não é bravo?

O PATRÃO - *(a Jean)* É como um cometa!

A DONA DE CASA - *(ao Lógico)* Ele é muito mansinho *(aos outros)* Meu vinho, que pena, pelo preço que está!

O MERCEEIRO - *(à Dona de Casa)* Eu também tenho, não é isso que falta.

JEAN - *(a Bérenger)* Então, o que é que você acha disto?

O MERCEEIRO - *(à Dona de Casa)* E do bom!

O PATRÃO - *(a Garçonnette)* Não perca tempo! Sirva estes senhores!

(Mostra Bérenger e Jean; desaparece)

BÉRENGER - *(a Jean)* De que é que você está falando?

A MERCEEIRA - *(ao marido)* Vai levar para ela uma outra garrafa!

JEAN - *(a Bérenger)* Do rinoceronte, ora, do rinoceronte!

O MERCEEIRO - (*à Dona de Casa*) Eu tenho bom vinho, em garrafas inquebráveis!

(Ele desaparece na mercearia)

O LÓGICO - (*acariciando o gato nos seus braços*) Bichinho! Bichinho! Bichinho!

A GARÇONNETTE - (*a Bérenger e a Jean*) O que os senhores vão beber?

BÉRENGER - (*à Garçonnette*) Dois "Pernods".

A GARÇONNETTE - Muito bem, senhor.

(Se dirige para a entrada do café)

A DONA DE CASA - (*recolhendo suas provisões, ajudada pelo senhor idoso*) O senhor é muito amável, cavalheiro.

A GARÇONNETTE - Dois "Pernods!"

(Entra no café)

O SENHOR IDOSO - (*à Dona de Casa*) Nada mais que um servidor, cara senhora.

(O Merceiro entra)

O LÓGICO - (*ao Senhor, à Dona de Casa, que estão recolhendo as provisões*) Reponham-nas metódicamente.

JEAN - (*a Bérenger*) Então, o que você diz?

BÉRENGER - (*a Jean, não sabendo o que dizer*) Bem... Nada... Isto levanta poeira...

O MERCEEIRO - (*saindo da mercearia com uma garrafa de vinho, à Dona de Casa*) Também tenho alho poro.

O LÓGICO - (*sempre acariciando o gato nos seus braços*) Bichinho! Bichinho! Bichinho!

O MERCEEIRO - (*à Dona de Casa*) É cem francos o litro.

A DONA DE CASA - (*dá o dinheiro ao Merceiro, depois dirigindo-se ao Senhor Idoso, que conseguiu pôr tudo dentro da cesta*) O senhor é muito amável. Ah, a cortesia francesa! Não é como a juventude de hoje.

O MERCEEIRO - (*pegando o dinheiro da Dona de Casa*) Precisa vir comprar na nossa casa. Assim já não tem que atravessar a rua. Nem se arrisca a ter maus encontros!

(Volta para a mercearia)

JEAN - *(que voltou a sentar-se e pensa sempre no rinoceronte)* Apesar de tudo é uma coisa extraordinária!

O SENHOR IDOSO - *(tira seu chapéu, beija a mão da Dona de Casa)* Muito prazer em conhecê-la!

A DONA DE CASA - *(ao Lógico)* Obrigada, senhor, por ter segurado meu gato!

(O Lógico entrega o gato à dona. A Garçonnette reaparece, com as bebidas)

A GARÇONNETTE - Aqui estão os "Pernods", senhores!

JEAN - *(a Bérenger)* Incorrigível!

O SENHOR IDOSO - *(à Dona de Casa)* Posso acompanhá-la um pedaço do caminho?

BÉRENGER - *(a Jean, mostrando a Garçonnette, que entra de novo no café)* Eu tinha pedido água mineral. Ela se enganou.

(Jean dá de ombros desdenhoso e incrédulo)

A DONA DE CASA - *(ao Senhor)* Meu marido me espera, caro senhor. Obrigada. Ficará para uma outra vez!

O SENHOR IDOSO - *(à Dona de Casa)* Assim espero, de todo coração, cara senhora.

A DONA DE CASA - *(ao Senhor)* Eu também.

(Olhos lânguidos, depois sai pela esquerda)

BÉRENGER - Acabou-se a poeira...

(Jean dá de ombros)

O SENHOR IDOSO - *(ao Lógico, seguindo a Dona de Casa com o olhar)* Deliciosa!...

JEAN - *(a Bérenger)* Um rinoceronte! Estou pasmado!

(O Senhor Idoso e o Lógico dirigem-se para a direita, calmamente, por onde vão sair. Conversam tranquilamente)

O SENHOR IDOSO - *(ao Lógico, depois de ter olhado uma última vez, na direção da Dona)* Simpática, não é?

O LÓGICO - *(ao Senhor Idoso)* Eu vou lhe explicar o que é o silogismo.

O SENHOR IDOSO - Ah, sim, o silogismo!

JEAN - a Bérenger: Mal posso acreditar! É uma coisa inadmissível.

Gracias por visitar este Libro Electrónico

Puedes leer la versión completa de este libro electrónico en diferentes formatos:

- HTML(Gratis / Disponible a todos los usuarios)
- PDF / TXT(Disponible a miembros V.I.P. Los miembros con una membresía básica pueden acceder hasta 5 libros electrónicos en formato PDF/TXT durante el mes.)
- Epub y Mobipocket (Exclusivos para miembros V.I.P.)

Para descargar este libro completo, tan solo seleccione el formato deseado, abajo:

